

O PRECONCEITO NO MEIO ARTÍSTICO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SOCIEDADE

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

O Brasil é conhecido por sua variedade de manifestações artísticas, as quais contribuem para a formação de sua identidade cultural. No entanto, muitas delas, sobretudo as que têm origem em regiões periféricas, ainda são marginalizadas e sofrem preconceito de boa parte da sociedade – é o caso do *funk*, um dos gêneros musicais mais populares do país. No entanto, se a população explora e consome produções artísticas variadas, por que reconhece o valor de apenas algumas delas? Quais as implicações desse julgamento para o desenvolvimento cultural e social do país? E qual a importância de reconhecer a diversidade das expressões de arte?

Refleta sobre essas questões e leia os textos a seguir para realizar a atividade proposta.

TEXTO 1

Popular e perseguido, *funk* se transformou no som que faz o Brasil dançar

O *funk* brasileiro vive há quase duas décadas entre extremos de aceitação e repúdio. Se as músicas contam com milhões de plays no YouTube e Spotify, o estilo também foi alvo em 2017 de um abaixo-assinado com mais de 20 mil assinaturas que pediu ao Senado que o tornasse crime. [...]

Entre os detratores do gênero é comum ouvir que *funk* seria um dos responsáveis por um declínio moral e cultural do Brasil. Entretanto, de acordo com a opinião de profissionais e especialistas ouvidos pelo Nexo, o *funk* pode ser entendido, sim, como consequência de uma sociedade marcada por exclusão e violência.

O que é o *funk*, do original ao brasileiro

Antes do *funk* brasileiro, existia o *funk* estadunidense. Criado e desenvolvido por músicos como James Brown, Sly Stone e George Clinton nas décadas de 1960 e 1970, o *funk* dos Estados Unidos representou uma ruptura estética importante na música pop estadunidense negra. [...] Trazia também um forte componente de orgulho negro.

Esse tipo de som encontrou muita ressonância em uma cena de bailes que se desenvolveu nos subúrbios do Rio de Janeiro na década de 1970 (e, em menor escala, em São Paulo). [...] Junto à música, muitos organizadores e frequentadores importaram também a atitude confiante e a negritude orgulhosa do *funk* estadunidense. Esse movimento ganhou o nome de Black Rio.

[...]

Como o *funk* projeta o orgulho da periferia

O *funk* se consolidou como o gênero ouvido por jovens da periferia de cidades de todo o Brasil, do Rio de Janeiro ao Recife. [...] Cantado em português, o *funk* se tornou um canal para se relatar as dificuldades da vida na comunidade. Em meio à denúncia, entretanto, o tom raramente soa resignado ou melancólico. Muito mais comum nas letras é o orgulho da favela, da sua potência criativa e capacidade de animação. [...]

Para quem estuda a cultura do *funk*, o orgulho serve como defesa contra a estigmatização, que vai da classe social ao gosto musical. “Movimento *funk* leva à desesperança”, mancheteu o *Jornal do Brasil* em 1992, em uma das primeiras matérias negativas sobre os frequentadores de bailes *funk*. Nas letras do *funk* desse período, entretanto, o que predomina é um sentimento oposto. “Elas vão falar de como é bonita a Rocinha, como o Vidigal tem lindas meninas, como a Cidade de Deus tem gente inteligente”, disse Adriana Facina, antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ao Nexo.

Em 2009, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro promulgou uma lei que declarava o *funk* patrimônio cultural imaterial do estado. Como justificativa, dizia que o *funk* “está diretamente relacionado aos estilos de vida e experiências da juventude de periferias e favelas”.

Por que o *funk* é criticado

O *funk* sofre críticas por diversos aspectos. Há quem reclame da sua falta de “musicalidade”. Nas comunidades em que acontecem festas, são frequentes os protestos por perturbação do sossego. Mas as duas acusações mais disseminadas são a de que o gênero faz apologia à violência e que é machista e objetifica a mulher.

[...] Para MC Leonardo, da Associação dos Profissionais e Amigos do *Funk*, “todas as culturas populares brasileiras sofreram preconceito, mas poucas sofreram perseguição como *funk*”. [...] Do outro lado, existem muitas denúncias de atos de violência dentro de bailes *funk*, não faltando vídeos no YouTube e reportagens na mídia sobre isso. No Rio de Janeiro, um período da década de 1990 é conhecido como o dos “bailes de corredor”, em que galeras rivais, separadas em lados distintos por seguranças, trocavam agressões físicas. Muitas letras reforçam essa impressão ao cantar sobre armas, crimes e conflitos. Em sua defesa, os artistas dizem que estão apenas cantando o que vivem. “O *funk* não é o criador da violência... mas canaliza a violência”, escreveu MC Leonardo em artigo no jornal *O Globo*.

[...] se transformou no som que faz o Brasil

“Popular e perseguido, *funk* dançar”. Nexo, 11 out. 2017. Disponível em: <www.nexojournal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dan%C3%A7ar>. Acesso em: 3 mar. 2021.

TEXTO 2

Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo

A palavra “slam” é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!” em língua portuguesa. A onomatopeia foi emprestada por Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, para nomear o Up-town Poetry Slam, evento poético que surgiu em Chicago em 1984[...] Smith nomeou também deslam os campeonatos de performances poéticas que organizava e no qual os slammers (poetas) eram avaliados com notas pelo público presente, inicialmente, em um bar de jazz em Chicago, depois nas periferias da cidade. A iniciativa “viralizou”, como se diz hoje, contagiando outras cidades dos Estados Unidos e, mais tarde, ganhou o mundo.

“Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo”.

A definição é de Roberta Estrela D’Alva (2014), atriz-MC, diretora musical, pesquisadora eslammer (poetisa) brasileira. Foi ela quem trouxe o poetry slam para o Brasil, em dezembro de 2008, ao fundar o ZAP! Slam em São Paulo. [...]

Em 2012, Emerson Alcalde [poeta e ator, slammer desde 2008] fundou o Slam da Guilhermina, o segundoslam do Brasil, na Zona Leste de São Paulo.[...] Em entrevista, Alcalde confessa ter se inspirado nas batalhas de MCs, que tanto em Nova York (nos EUA) quanto no Brasil acontecem nas estações de metrô. [...]

Entretanto, ocupar um espaço público não é algo que se dá sem conflitos. O Slam da Guilhermina já sofreu reclamações dos comerciantes das redondezas e suspeitas dos seguranças do metrô próximo. Tampouco pacífica é a aceitação pelos cânones tradicionais dessa literatura marginal periférica, que cresce no Brasil no decorrer da década de 1990 e que rompe com a linguagem culta, valorizando os termos e as gírias das periferias. A literatura marginal provoca certo desconforto no campo literário nacional mais amplo, uma vez que os sujeitos periféricos passam a reivindicar seu espaço e querem ser considerados escritores como quaisquer outros autores nacionais. É preciso legitimar essa nova voz sem tratá-la como elemento exótico ou de valor estético inferior. [...]

NEVES, Cynthia Agra de Brito. “

reexistência ao/no mundo contemporâneo”. *Linha D’Água*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. Disponível em: <www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>. Acesso em: 3 mar. 2021.

TEXTO 3



StreetArtSP, 29 maio 2017. Disponível em: <www.instagram.com/p/BU5TRjDazUk/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

TEXTO 4



PINHO, Denis. Disponível em: <http://metodista.uol.com.br/rroonline/noticias/entretenimento/biblioteca-de-arte-de-sao-bernardo-recebe-charges-de-denis-pinho>. Acesso em: 3 mar. 2021.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Após a leitura e a análise da coletânea, redija uma dissertação argumentativa sobre o tema **O preconceito no meio artístico e suas implicações para a sociedade**. Nela, delimite um ponto de vista e procure sustentá-lo por meio de raciocínios lógicos consistentes e de exemplos a eles conectados de modo coeso e coerente. Não faça cópias e paráfrases dos textos de apoio, procurando expandi-los. Utilize a norma-padrão da língua portuguesa, dê um título ao seu texto e escreva no mínimo 22 e no máximo 30 linhas.

Boa produção!
 Professora Andressa Tiossi